

APRESENTAÇÃO

A preocupação com o efeito de obras literárias brasileiras fora do Brasil é uma constante desde o próprio surgimento da “literatura brasileira” como questão, nas primeiras décadas do século XIX. Para os iniciadores do romantismo, foram referências fundamentais os panoramas críticos traçados por estrangeiros como Almeida Garrett, Ferdinand Denis, Friedrich Bouterwek e Sismonde de Sismondi. No início do século XX, os modernistas refletiram sobre como a literatura brasileira poderia inserir-se no “concerto das nações” (no dizer de Mário de Andrade) ou até tornar-se um produto de exportação a mais (na proposição irônica de Oswald de Andrade).

Esse horizonte de recepção externa, com a promessa de uma repercussão pública que extrapole as fronteiras de um “sistema literário” nacional, implica necessariamente a problemática da tradução. Este número de *O Eixo e a Roda* pretende acrescentar contribuições ao esforço de pensar e conhecer melhor o impacto da literatura brasileira traduzida em línguas estrangeiras. Sem nenhuma intenção exaustiva ou inovadora, reúnem-se aqui artigos diversos que se debruçam sobre temas particulares dentro desse campo tão vasto, ainda pouco investigado e até o momento nunca mapeado de maneira sistemática.

Alguns dos fatores cruciais que determinam a tradução de obras brasileiras no exterior são abordados por Lenita Esteves no artigo “A presença da literatura brasileira no exterior e a importância do agenciamento: uma análise guiada por conceitos da sociologia de Pierre Bourdieu”. Como exemplo de fundo, a autora se voltou para o caso de Clarice Lispector, também abordado por dois outros artigos aqui incluídos. Em “Clarice Lispector sob a ótica da imprensa norte-americana: o caso do *The New York Times*”, Vanessa Lopes Lourenço Hanes e Andréia Guerini utilizam um aparato epitextual para traçar os caminhos da recepção da autora nesse jornal. Ao analisarem os dados obtidos, elas chegam a conclusões reveladoras sobre as conexões estabelecidas entre a obra clariciana e outras artes, bem como sobre o aumento do interesse por seus livros, estimulado pelo lançamento de uma nova biografia da escritora. Por sua vez, Jean-Claude Lucien Miroir, em “Clarice Lispector e seus tradutores: da fúria à melodia”, aborda a angústia da autora de *Perto do coração selvagem* ao ver suas obras vertidas em línguas estrangeiras. Ele enfoca quatro traduções pioneiras (para o francês, o alemão e o

inglês) e a maneira como a autora foi superando o medo inicial de ser mal traduzida, à medida que pôde ir desenvolvendo sua própria reflexão sobre a necessidade de “traduzir procurando não trair”.

Uma perspectiva diferente se abre quando a comparação de traduções de terceiros é feita por um tradutor de larga experiência. Em “*A Rosa is a rose is arose: avaliando traduções de Grande sertão: veredas para o inglês*”, Caetano Galindo evita o risco de privilegiar sua própria poética tradutória, ao propor para obras em prosa uma abordagem baseada naquela desenvolvida por Paulo Henriques Britto para a tradução de poesia. A célebre abertura da obra-prima de Guimarães Rosa é analisada em todos os seus detalhes, proporcionando uma leitura preciosa do texto e dos procedimentos de criação do escritor, de modo a marcar o que, numa tradução, não poderia ser perdido ou, ao menos, deveria ser compensado. Obtém-se, assim, uma avaliação muito mais objetiva das traduções, com destaque, inclusive, para as soluções que conseguem fazer soar em inglês a beleza da língua criada por Guimarães Rosa.

Já Roberto Mulinacci se dedica a outro grande nome do cânone brasileiro, em “Seis personagens à procura de um tradutor (ou de um crítico). Por uma história das traduções de Machado de Assis na Itália como história das não traduções: os romances”. Destaca-se no trabalho uma perspectiva nova, centrada no estudo do impacto das lacunas impostas pelo mercado editorial italiano à recepção do autor de *Dom Casmurro*, por meio da análise de suas “não traduções”. O ensaísta questiona a preferência dada a retraduzções que nem sempre se justificam e cuja publicação apenas contribui para privar os leitores italianos de parte significativa da obra do escritor brasileiro.

Outro caso italiano, mas agora voltado para o ensaísmo e não para a ficção, é o tema de Nicoletta Cherobin em “*Casa-grande e senzala*, de Gilberto Freyre, na Itália: exemplos de escolhas tradutórias extraídos da análise paratextual”. Temos aí uma bela amostra do trabalho do tradutor quando trata de um contexto particular, inexistente em sua própria língua. Além disso, a autora lembra do paratexto como uma fonte sempre rica em informações sobre uma edição específica.

Dois artigos se dedicam a traduções de obras afro-brasileiras. Marcela Iochem Valente e Teresa Dias Carneiro apresentam em “*L’histoire de Poncia: um caso de literatura afro-brasileira traduzida na França*” um estudo específico sobre a tradução francesa do romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo. Itens culturalmente marcados como vocabulário

e expressões idiomáticas, além da sintaxe e da própria organização do texto são pensados em suas soluções na versão em francês. Já Luciana de Mesquita Silva, em “*A cor da ternura*, de Geni Guimarães: uma análise de sua tradução para o inglês sob uma perspectiva descritivista”, se volta para a tradução norte-americana de uma obra afro-brasileira destinada ao público infantojuvenil. A metodologia descritiva permitiu constatar que a obra em português ocupa, no “sistema literário” de origem, posições diferentes das ocupadas pela tradução no contexto de recepção, no qual aparece mais restrita ao ambiente acadêmico.

Muitas vezes o resultado de cotejos de uma ou mais traduções com o texto-fonte são reveladoras análises literárias, especialmente quando a comparação é levada a cabo por tradutores. No caso de “*Reflexiones sobre el proceso de traducción del portugués al español de Amrik* de Ana Miranda”, Rafael Climent-Espino comenta as próprias escolhas e os desafios de traduzir do português para o espanhol um texto caracterizado pelas dificuldades linguísticas da protagonista e narradora, de origem libanesa, com a língua portuguesa. Suas observações sobre o emprego de arabismos, o uso singular de interjeições e de pontuação escassa levam o leitor a refletir sobre um jogo de criação e tradução não apenas entre duas, mas entre três línguas.

Por fim, a reflexão de tradutores sobre a própria atividade também ocupa o ensaio e a entrevista que fecham este volume. Em “*Uma bergamota num táxi: regionalismos no original e na tradução*”, o tradutor holandês Harrie Lemmens nos coloca frente aos impasses de um estrangeiro que se depara com a variedade vocabular e de registros em um país nada pequeno, como é o Brasil. Já a entrevistada foi a australiana Alison Entrekin, tradutora de autores como Chico Buarque, Paulo Lins e Cristóvão Tezza. Ela conta como algumas das traduções mais interessantes surgem frequentemente do gosto e das escolhas do tradutor. Além de comentar sua própria experiência, a tradutora traça um rico painel da situação da literatura brasileira no mercado internacional, passado o *boom* de interesse pelo país na última década.

Ana Helena Souza

Sandra Mara Stroparo

Sérgio Alcides Pereira do Amaral

